

# Os inegociáveis

Ana Maria Sigal

**Ana Maria Sigal** é membro do Departamento de Psicanálise desde 1985. Professora e supervisora no curso de Psicanálise do Instituto Sedes desde sua fundação (1976). É fundadora e coordenadora do Curso Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma (1997) e representante do Departamento de Psicanálise no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas brasileiras desde 2000. É autora de *O lugar dos pais na psicanálise de crianças* (Escuta, 1997), *Escritos metapsicológicos e clínicos* (Casa do Psicólogo, 2009), *O originário e o recalque primário. Considerações sobre a formação do sujeito psíquico e novas patologias* (Blucher, 2025). Organizadora de *Ofício de psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise* (Escuta, 2019).

Agradeço à psicanalista Sílvia Nogueira de Carvalho pela primeira revisão deste trabalho.

**Resumo** Este artigo reflete sobre os princípios metapsicológicos e clínicos fundamentais que constituem a base mínima para definir o campo psicanalítico. O objetivo não é estabelecer um padrão “ouro puro”, mas examinar criticamente até que ponto certas mudanças de paradigma podem, de fato, constituir outro campo. A discussão centra-se em conceitos fundamentais como inconsciente, pulsão, sexualidade infantil, bem como no enquadramento clínico estabelecido pela transferência e pelo princípio da abstinência.

**Palavras-chave** inconsciente; pulsão; sexualidade infantil; transferência; abstinência; método psicanalítico.

DOI: 10.70048/percurso.75.21-30

Já há muito tempo, ocupada pelas questões que me apresentava o trabalho de transmissão, tanto da teoria como da clínica, no trabalho desenvolvido nas supervisões, e – por que não? – na minha própria clínica, me perguntava se o trabalho que estávamos realizando estava dentro do que poderíamos considerar um fazer psicanalítico.

Mudanças na técnica, necessárias, que se impõem em certos tratamentos pela condição da patologia, tais como a ampliação do trabalho no campo das psicoses, das perversões, com pacientes *border* e nas neuroses atuais, nos impulsionam a considerar novas modalidades de trabalho. Do mesmo modo, novas formas de trabalho tinham imposto mudanças de enquadre a partir da pandemia, dos trabalhos que nos requisitavam os coletivos de rua e de outras modalidades implementadas: estariam todas incluídas dentro do que considerávamos campo da psicanálise? Em que momento se produz o corte?

Sabemos que, no decorrer da história, foram sendo trabalhadas novas técnicas, questionadas no seu momento de implantação, tais como as relativas ao número de sessões, às formas de considerar o pagamento, a utilização do divã e o trabalho com os pais na psicanálise com crianças, as quais tinham apoiadores e detratores; alguns pensavam que descaracterizavam o trabalho psicanalítico, e outros defendiam que tais questões não afetavam os princípios básicos. No momento em que surgiu a análise de crianças, esta foi questionada por utilizar a técnica do jogo e dar outro estatuto à palavra, incluindo o jogo ou o desenho como formas de comunicação que permitiam abordar o inconsciente. Também quando surgiram as terapias de grupo, estas foram questionadas, mas os diversos autores foram desenvolvendo suas ideias e mostrando que, apesar de



*o que chamo de inegociáveis  
para definir um campo  
são coordenadas básicas  
que minha formação freudiana  
considera como princípios  
fundamentais que definem  
condições mínimas  
para definir este campo  
nos tempos atuais*

mudanças na técnica, continuavam dentro dos princípios básicos da metapsicologia freudiana; outras, sim, se afastaram da psicanálise.

Por mais de vinte anos, trabalhando no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, movimento este que luta para que a psicanálise como saber não seja regulamentada, me perguntava sobre os limites, o alcance e a extensão deste conhecimento.

Como formular certas ideias que nos permitam dar um contorno e um piso às questões que poderiam caracterizar este saber? Como definir condições do campo sem enquadrá-lo ou aprisioná-lo, mas que nos ofereçam alguma formulação que nos ajude a caracterizá-lo? Se procuramos em quaisquer dicionários, sejam gerais ou da especificidade de nosso campo, encontramos inúmeras definições de psicanálise, cada uma apontando para elementos diversos. Ao final, o que determinaria um campo específico da psicanálise? É possível dizer quem faz ou não psicanálise? Que escola se mantém dentro da especificidade?

Para encontrar Freud debatendo-se para reconhecer sua autoria do que ele chamou Psicanálise, basta ler o artigo “Contribuição à história do movimento psicanalítico”. O que levou Jung e Freud a se afastarem, na ruptura junguiana com a teoria freudiana? Para Freud, uma questão de princípio: a libido não é redutível, como queria

Jung, a uma energia mental inespecífica; ela pode ser dessexualizada por investimentos narcísicos, mas o será sempre de modo secundário, por uma renúncia à meta especificamente sexual. O monismo junguiano não foi aceito, e o caráter sexual da libido foi sempre sustentado por Freud<sup>1</sup>. Eis aqui um exemplo transparente do que Freud não aceita como psicanalítico. Hoje não temos mais a voz de Freud para nos dizer o que ele pensava, mas temos linhas a serem seguidas que nos permitem avaliar suas concepções.

Freud nos diz:

Não é de se estranhar o caráter subjetivo desta contribuição que me proponho trazer à história do movimento psicanalítico, nem deve causar surpresa o papel que nela desempenho, pois a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela, e todo o desagrado que o novo fenômeno despertou em meus contemporâneos desabou sobre a minha cabeça em forma de críticas. Embora de muito tempo para cá eu tenha deixado de ser o único psicanalista existente, acho justo continuar afirmando que ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise, em que ela difere de outras formas de investigação da vida mental, o que deve precisamente ser denominado de psicanálise e o que seria melhor chamar de outro nome qualquer.<sup>2</sup>

Como costumamos dizer, façamos uma leitura circunstanciada: lembremos que Freud estava tentando instituir um saber, rodeado de ameaças. Disso decorre certa intransigência e autoritarismo. A história foi passando, encontramos muitas mudanças, mas mantemos certas interrogações.

O que chamo de *inegociáveis* para definir um campo são coordenadas básicas que minha formação freudiana considera como princípios fundamentais que definem condições mínimas para definir este campo nos tempos atuais. Tal caracterização está exposta e aberta aos debates que cada um queira travar, fundamentar e registrar sobre seus inegociáveis. Existe um rigor epistemológico a respeito do que é analítico, do que é o objeto da psicanálise. Flavio Ferraz<sup>3</sup> escreve excelentes trabalhos nos quais desenvolve com rigor



esses conceitos, e que prefiro apenas referir em vez de reproduzi-los, porque o autor desenvolve largamente suas considerações. Outros trabalhos podem oferecer outros inegociáveis ou até podem se manifestar no sentido de que não haveria critérios possíveis de serem demarcados. Podemos pensar que a própria constituição da psicanálise impeça pensar em inegociáveis. Sou da ideia de que a psicanálise não é uma teoria que se formula e se coagula, acho imprescindível pensar na mobilidade que ela nos oferece. Entendo que voltar a Freud para fazê-lo trabalhar é imprescindível, mas é possível pensar em que momento uma mudança postula mudança de paradigma?

Há autores que pensam que ao invés de se preocupar com o que seria uma verdadeira psicanálise, ou uma psicanálise pura, temos que perder o medo e poder “sujá-la” – o que, no entender de alguns autores, fizeram muitos discípulos de Freud. Esse pensamento me parece louvável, mas me levanta algumas questões.

Não penso numa psicanálise pura, apoio a importância das mudanças e progressos, da flexibilidade na técnica que é responsabilidade de cada analista, mas quando chegamos às instituições de formação que portam nos seus currículos um seminário anual sobre mapa astral, ou instituições que se dizem formar analistas propondo que a voz do pastor coincide com o superego e é esta que deve ser ouvida – propagandas de cursos, formações de toda espécie que numerosas vezes vimos no Movimento Articulação – me pergunto: onde fica o limite?

Os conceitos a seguir apresentados são por mim identificados, portanto, para oferecer parâmetros que nos orientem; tal orientação não se apresenta como uma pretensa verdade e sim aberta a que cada um possa formular seus inegociáveis e até considerar que não deveríamos sustentá-los.

*o que se faz necessário pensar é quando uma mudança rompe com o campo da psicanálise, para converter-se em uma nova formulação teórica. Entendemos que no significante psicanálise cabem mudanças e reconsiderações, mas se faz necessário considerar pilares básicos que a definem.*

### Sobre os inegociáveis

Estas breves considerações pretendem fazer referência aos elementos que nos permitem pensar que estamos trabalhando no campo da psicanálise, não porque este seja o ouro puro, mas porque se faz necessário diferenciá-lo de outras teorias e terapias que trabalham com o sujeito, como as terapias cognitivas, psicodramatistas morenianas, corporalistas, junguianas e muitas outras que têm referentes próprios. Como já dissemos, propomos pensar que diversos autores psicanalíticos definem de forma diferente alguns conceitos, ampliam, destacam ou aprofundam os que na obra freudiana não foram suficientemente considerados ou, às vezes, nem sequer trabalhados – como faz Laplanche em sua obra, ao retomar o conceito de sedução em Freud, que a seu ver foi submergido ou recalçado, formulando uma nova teoria da sedução generalizada. O que se faz necessário pensar é quando uma mudança rompe com o campo da psicanálise, para converter-se em uma nova formulação teórica. Entendemos que no significante *psicanálise* cabem mudanças e reconsiderações, mas se faz necessário considerar pilares básicos que a definem.

Na época em que foram formulados alguns conceitos, Freud estava imerso em uma realidade que era a de sua época; portanto, não considerou certos marcadores, que hoje em dia se consideram

1 J. Laplanche e J.-B. Pontalis, “Libido”, in *Vocabulário da psicanálise*, p. 66.

2 S. Freud, *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico*, p. 7.

3 F. Ferraz, *Desafios epistemológicos para a psicanálise*; F. Ferraz, “O Departamento de psicanálise e a formação de analistas”, *Percurso* n. 74.



*mesmo pensando  
em diversas concepções  
metapsicológicas, segundo  
as diferentes escolas, impõe-se  
a radicalidade do inconsciente  
no campo do desejo e o modo  
em que se transita pelo caminho  
da sexuação na inscrição  
da alteridade*

fundamentais para determinar o campo social no qual o sujeito está inserido e seu reflexo na formação psíquica. O neoliberalismo<sup>4</sup>, as questões fundamentais do racismo estrutural denunciado hoje em dia como uma das grandes dívidas que a cultura da branquitude tem com a história<sup>5</sup>, os avanços da cybercultura, a inclusão da diversidade sexual no campo da formação do sujeito psíquico, a mudança do lugar de fala da mulher – insistente força com que lutamos homens e mulheres para desmontar o patriarcalismo – trazem novas problemáticas, não incluídas nas primeiras formulações. A psicanálise, como toda ciência, até as ciências duras, é datada do momento de sua produção e, na riqueza dos escritos freudianos, encontramos importantes brechas para que ela possa avançar. Também encontramos certas inconsistências epistemológicas<sup>6</sup>, que podem ser revisadas e corrigidas, mas nosso interesse neste artigo é o de recordar os pontos básicos que compõem o solo de um saber do qual Freud se diz fundador.

A seguir, apresentarei um recorte dos elementos que acho fundamentais. Sabemos que muitos psicanalistas terão elementos a agregar, frente ao reconhecimento de uma inquietação que nos ronda, permanentemente.

Considero interessante distinguir dois campos para abordar a questão: 1) os pilares metapsicológicos e 2) os pilares clínicos.

Na *metapsicologia* considera-se que estamos no campo da psicanálise quando trabalhamos com:

1. Conceito de inconsciente;
2. Conceito de pulsão;
3. Conceito de sexualidade infantil;

Na *clínica*:

1. Conceito de transferência;
2. Abstinência;
3. Método psicanalítico: atenção flutuante e associação livre. Sem dúvida aqui consideraremos a diversidade de opções que hoje em dia nos propõem outras formas de trabalhar que não nos afastam do saber psicanalítico.

## Metapsicologia

### 1) *O inconsciente*

O que é inegociável para manter nossa especificidade teórica é considerar o deslocamento que faz a psicanálise, de uma concepção ptolomaica de um Eu possuidor da verdade ao re-centramento do *inconsciente* como espaço estrangeiro que deixa o sujeito à mercê de um desconhecido de si. Mesmo pensando em diversas concepções metapsicológicas, segundo as diferentes escolas, impõe-se a radicalidade do inconsciente no campo do desejo e o modo em que se transita pelo caminho da sexuação na inscrição da alteridade. Esta descoberta é radical e entendemos que define nosso trabalho. Tendo em conta as duas tópicas freudianas, consideramos que o aparelho psíquico está constituído por um certo número de sistemas dotados de características e funções diferentes, dispostos em uma certa ordem e relação; se, no desenvolver da sua teoria, observamos mudanças que se contemplam, se modificam e se reestruturam, isso se insere sempre na consideração do inconsciente.

Da primeira tópica, a diferença entre inconsciente, pré-consciente e consciente (desenvolvido no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, 1900<sup>7</sup>); à segunda tópica, na distinção entre Id, Ego e Superego

(esta concepção do aparelho psíquico, formulada a partir de 1920, fundamentalmente se plasma no artigo “Ego e o Id” de 1923<sup>8</sup>) vemos mudanças que se fazem necessárias para incluir os estudos desenvolvidos durante mais de 20 anos, como as identificações na constituição do sujeito, o trabalho sobre o narcisismo e a segunda teoria pulsional, o que induz Freud a uma reformulação mais ampla. Ambas as tópicas consideram o desconhecido em si, venha do recalçamento, do mundo pulsional, das identificações ou das defesas, como fundante do aparelho psíquico: a teoria avança e se enriquece, mas não deixa de considerar o papel central do inconsciente como elemento primordial, mesmo vindo de diferentes fontes. Na segunda tópica, há sobreposições do que pertence aos modelos inconscientes, encontrando no Ego e no Superego elementos inconscientes, como as defesas no Ego, por exemplo. O desconhecido em si provém do inconsciente descritivo ou do pulsional, que coexistem. Freud não renunciou a conciliar suas duas tópicas. Por diversas razões apresentou uma representação especialmente figurada do conjunto do aparelho psíquico em que coexistem as divisões Ego, Id e Superego e as divisões inconsciente, pré-consciente e consciente, tal como formulado no “Esboço da psicanálise” de 1938<sup>9</sup>, onde encontramos uma exposição precisa dessa tentativa. A teoria avançou, mas continua mantendo a radicalidade do inconsciente.

4 M.P. Fuks, *Psicopatologia psicanalítica e subjetividade contemporânea*; N. Silva Jr., “O mal-estar no sofrimento e a necessidade de sua revisão na psicanálise”, in *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*; T. Ab’Saber, *O soldado antropofágico*.

5 I.B. Nogueira, *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*.

6 A.M. Sigal, “A organização genital infantil”, in *Freud: um ciclo de leituras*, p. 65.

7 S. Freud, *La interpretación de los sueños*.

8 S. Freud, *El yo y el ello*.

9 S. Freud, *Esquema del psicoanálisis*.

10 S. Freud, *Tres ensayos de teoría sexual*.

11 J. Laplanche, *El inconsciente y el ello*, p. 117.

12 J. Laplanche e J.-B. Pontalis, *op. cit.*, p. 394.

13 No texto “A formação do Eu: Um estudo para ler o estágio do espelho” me ocupo de desenvolver o papel do mimetismo nos processos identificatórios típicos do animal, no que estaria enraizado o conceito de instinto (A. Sigal, in *O originário e o recalçamento primário*, cap. 4, p. 76). Também nesse livro se analisa de forma exaustiva a noção de objeto-fonte da pulsão, destacando-se o papel da alteridade como elemento que atua sobre o biológico e que lhe dá sentido, na antecedência do adquirido sobre o inato.

»»

*essa substituição  
tira o sujeito do campo  
da pura biologia e o constitui  
na sua própria diferença,  
fora do determinismo  
biológico, a partir  
da valorização da fantasia  
e da linguagem*

## 2) Conceito de pulsão

Outro elemento inegociável é o deslocamento que Freud produz nos “Três ensaios” de 1905<sup>10</sup> ao demolir o preconceito de uma sexualidade pré-orientada instintualmente no homem, em benefício de uma *pulsão* que só encontraria seu objeto de maneira totalmente aleatória na sua história individual, objeto esse essencialmente vicariante e contingente<sup>11</sup>. Essa substituição tira o sujeito do campo da pura biologia e o constitui na sua própria diferença, fora do determinismo biológico, a partir da valorização da fantasia e da linguagem. Segundo Laplanche e Pontalis<sup>12</sup>, o termo *pulsão* foi introduzido nas traduções francesas de Freud como equivalente a *Trieb* para evitar o termo traduzido como instinto (sabemos que nem todos os autores convalidam essa tradução). Instinto designa um comportamento hereditariamente fixado que aparece de forma quase idêntica em todos os indivíduos de uma mesma espécie animal, no qual existiria uma fixidez na meta e no objeto. Na sexualidade humana, o objeto é escolhido segundo as vicissitudes da história do sujeito, pode mudar de um indivíduo a outro, é reconhecido um lugar de singularidade, isto é, contingente e vicariante. O objeto-fonte da pulsão tem sua origem no encontro com a alteridade, priorizando o adquirido sobre o inato<sup>13</sup>.



encontrar  
na transferência,  
de forma nítida,  
a repetição do sintoma,  
nos ajuda a desanuviar  
velhas histórias  
de repetição

### 3) Sexualidade infantil

O terceiro inegociável é o que recoloca a *sexualidade infantil* como trilha pela qual transita a formação da subjetividade. Referimo-nos, aqui, a uma sexualidade que atua desde o princípio da vida, ampliando o conceito para a especificidade do que os psicanalistas chamamos de *sexual*. Esta sexualidade tem um aspecto perverso polimorfo e se transforma num pilar para entender não só a formação subjetiva mas também as diferentes escolhas amorosas e a estruturação das neuroses. Nesse sentido, para a psicanálise, o sexual não é redutível à genitalidade, não pode ser enquadrado na sexualidade genital reprodutiva nem tampouco nos ordenamentos de gênero, já que estes são ordenadores sociais. A sexualidade infantil está determinada por movimentos desejantes. É o outro adulto que ao debruçar-se sobre o *infans* o inunda com sua sexualidade. A criança transita por caminhos da sexuação, não necessariamente segundo trilhas ou fases biologicamente predeterminadas – oralidade, analidade, falicidade, como as ampliou e desdobrou Abraham a partir dos três ensaios –, pois se este é um primeiro caminho que Freud tomou nos “Três ensaios”<sup>14</sup>, onde o biológico atua como apoio e o prazer é um a mais da satisfação, com predomínio da ancoragem no biológico, este conceito vai se ampliando,

sempre de forma conflitante, e vai tomando caminhos mais complexos, ao introduzir-se o papel do adulto nos processos de implantação, de sedução e realização do desejo que se desliga da satisfação e do biológico, relacionando a sexualidade infantil aos caminhos do amor e das representações fantasmáticas. Silvia Alonso nos diz: “Pelo caminho da alteridade, que recebe, acolhe o corpo e o penetra, o corpo, na psicanálise, vai se distanciando da biologia”<sup>15</sup>.

## Clínica

### 1) A transferência

A *transferência*, segundo especificam Laplanche e Pontalis,

designa o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no enquadre de um certo tipo de relação estabelecida com eles, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada<sup>16</sup>.

Esta é uma ferramenta fundamental para o estabelecimento da relação analítica. Não devemos esquecer o papel que Freud dá a este conceito também como resistência ao tratamento<sup>17</sup>. Encontrar na transferência, de forma nítida, a repetição do sintoma nos ajuda a desanuviar velhas histórias de repetição. É sem dúvida um conceito que se refere à relação: sentir com o paciente não implica sentir pelo paciente, nem obrigar o paciente a sentir, pressupõe um vínculo que deve ser abordado com grande disponibilidade e delicadeza e depende da forma e dos recursos que se dispõe para levar em frente a condução da cura. A sensibilidade e a abertura para estar com o outro dependem, a meu ver, de uma boa formação, que inclui em primeiro lugar a análise do analista, assim como os estudos teóricos e a discussão da sua clínica com outros analistas, como base dos

elementos que definem o tripé de uma formação. Aqui começamos a adentrar os aspectos mais conflitantes de nosso fazer. Esse conceito tem se flexibilizado e adquire alguns dos aspectos mais difíceis de se definir. Flexibiliza-se, se alarga mas, a meu ver, não desaparece a importância que a transferência tem no contexto de nosso trabalho.

Se pensamos na elasticidade da técnica, se fará necessário incluir modificações importantes em relação ao que Freud define como transferência nos tratamentos clássicos das neuroses e no enquadre do consultório particular. Roussillon<sup>18</sup>, num importante artigo em torno da simbolização primária, nos oferece argumentos interessantes que vale a pena tomar como referência. Ele se pergunta se é necessário opor a psicoterapia à psicanálise, e nos lembra que o próprio Freud<sup>19</sup> define a psicoterapia psicanalítica como fundada na análise da transferência, diferenciando-a da psicoterapia fundada na sugestão, a que chama de psicoterapia médica. Os avanços que partiram da terapia catártica e da sugestão ao método psicanalítico marcam uma posição que desejo enfatizar.

Entendo que, no sentido clássico, o termo transferência, desenvolvido por Freud nas suas formulações a partir do estudo das histerias<sup>20</sup>, refere-se a uma ferramenta para abordar as neuroses; entendo também que trabalhamos com pacientes que apresentam patologias narcísicas ou sofrimentos narcísicos, assim como patologias fundadas em mecanismos de clivagem que nos propõem dificuldades para trabalhar com o método clássico. A meu ver, faz-se necessário rever novas formas de utilização da transferência sem fugir da ideia de que há uma transferência instituída ou a se instituir, o que nos permite pensar que existem novos e diversos manejos da

»  
a abstinência é um princípio  
ou uma regra da prática  
analítica segundo a qual  
o tratamento analítico deve  
ser conduzido de modo  
tal que o paciente  
encontre o menos possível  
de satisfações substitutivas  
para seus sintomas.

transferência. Roussillon<sup>21</sup> propõe como necessário ser capaz de sentir, e de se sentir, ser capaz de ver e de se ver, ser capaz de ouvir e se ouvir. Em suma, se sentir é aceitar ser afetado. A contratransferência, também chamada transferência do analista, põe em jogo as simbolizações e os afetos do terapeuta como produto do interjogo de uma relação na qual terapeuta e analisando estão implicados. Entendo que é necessário seguir aprofundando a investigação sobre a contratransferência para trabalhar com esses pacientes de uma forma enriquecida pelo afeto e para que o alargamento da técnica possa ocorrer.

## 2) A abstinência

A *abstinência* é um princípio ou uma regra da prática analítica segundo a qual o tratamento analítico deve ser conduzido de modo tal que o paciente encontre o menos possível de satisfações substitutivas para seus sintomas. Do lado do analista, implica o preceito de se recusar a satisfazer os pedidos do paciente de ocupar efetivamente os papéis que este tende a lhe impor. Em certos casos e, em certos momentos do tratamento, a regra da abstinência pode exprimir-se através de atos dirigidos a comportamentos repetitivos que dificultam o trabalho de rememoração e elaboração, para possibilitar que o paciente saia da

14 S. Freud, *op. cit.*

15 S.L. Alonso, "Sexualidade: destino ou busca de uma solução?", in *Corpos, sexualidades, diversidades*, p. 16.

16 J. Laplanche e J.-B. Pontalis, *Vocabulário da psicanálise*, p. 514.

17 S. Freud, *Trabajos sobre técnica psicoanalítica*, p. 102.

18 R. Roussillon, "Teoria da simbolização: a simbolização primária", in *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*.

19 S. Freud, *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico*.

20 S. Freud, *Esquema del psicoanálisis*.

21 R. Roussillon, *op. cit.*



*a ideia de colocar  
o método entre os inegociáveis  
tem a ver com a necessidade  
de priorizar elementos de  
que Freud se utiliza  
para diferenciar a catarse,  
a sugestão e o método  
da associação livre*

estagnação ou de uma profunda dissociação, objetivo que só se consegue com o alargamento da técnica clássica.

Poderíamos acrescentar que é importante não só nos abstermos de satisfazer o paciente, mas também de desejar pelo outro: diferenciar o desejo próprio daquilo que o paciente põe em jogo na transferência como forma de encontrar os caminhos de sua subjetividade. A desejar por ele já estiveram seus pais ou aqueles que, a sua volta, foram objetos de seu desejo na infância, aqueles cuja moeda eram o amor e a aprovação, e que se reatualizam hoje na transferência. Referimo-nos àqueles que são o motor de sua sexualidade infantil. Hoje, na repetição, não podemos nos atribuir esse lugar.

Abstinência e neutralidade<sup>22</sup> foram conceitos deturpados. Parece que muitos psicanalistas, apoiados nesses conceitos que nos oferece a psicanálise, os transmutaram e inventaram uma fórmula cômoda para se manter alheios à realidade e fazer do tratamento uma forma de se desresponsabilizar e não assumir seu lugar cidadão, evadir-se das lutas e esconder-se atrás de uma neutralidade que não faz bem nem aos pacientes, nem a si mesmos. Entenderam por abstinência a abstinência de viver, de participar, de ter opinião. Entretanto, abstinência de desejar pelo outro sim, nunca abstinência de assumir

as responsabilidades como sujeitos da história, acima de tudo uma posição ética da psicanálise.

### 3) O método psicanalítico

O método psicanalítico, composto pela associação livre e a atenção flutuante, é dos inegociáveis que também está em questão, dado que sua associação com o enquadre da situação analítica é a que mais varia em nossos tempos. A *associação livre*, que é o processo constitutivo da técnica analítica que Freud implementa quando abandona a sugestão, se apresenta como uma forma possível de abordar o inconsciente. Sua consigna é a de pedir ao paciente para falar todas as ideias e pensamentos que aparecem, mesmo aqueles que poderiam parecer sem sentido para o paciente. Em contrapartida, pede ao analista para se manter em *atenção flutuante*, que consiste em escutar o analisando sem privilegiar, a priori, quaisquer elementos do discurso dele, deixando funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente.

A ideia de colocar o método entre os inegociáveis tem a ver com a necessidade de priorizar elementos de que Freud se utiliza para diferenciar a catarse, a sugestão e o método da associação livre, método este que caracteriza um grande avanço no desenvolvimento da técnica. A fala nem sempre dá conta do que se inscreve no mundo psíquico do paciente, as comunicações pré-verbais e ainda as não verbais foram tomando mais importância com o desenvolver da teoria. O mundo pulsional e o recalque primário nos falam de inscrições que fazem marca desde os primórdios; essas inscrições às vezes vazam no decorrer de uma sessão, como elementos de não palavra, mas podem ser incluídas na narrativa da sessão expressando elementos do discurso inconsciente que não alcançaram o estatuto de representação palavra.

Como desenvolvemos no item sobre a transferência, com certos pacientes o método pode atender a variações em função da necessidade de modificar o *setting*. As condições do trabalho

frente a frente, na internet, assim como certos trabalhos desenvolvidos em coletivos que têm como cenário uma rua ou uma praça podem pôr em questão os inegociáveis clínicos. A atenção fluante, assim como a associação livre, podem ser revalorizadas seguindo outros parâmetros que nos facilitaríamos a escuta; deixar correr uma expressão solta de associações em vez de sugerir ou induzir permite a emergência de expressões inconscientes. Essa possibilidade obtém, no trabalho, efeitos realmente surpreendentes.

Termino este escrito me reencontrando com questões que se colocaram no começo do trabalho: até onde nossas mudanças nos permitem seguir situados no campo da psicanálise? Alargar e ampliar considerações teóricas e clínicas nos permite reconhecermo-nos dentro do campo da psicanálise sem mudar paradigmas que são constitutivos deste saber.

»  
*alargar e ampliar  
considerações teóricas  
e clínicas nos permite  
reconhecermo-nos  
dentro do campo  
da psicanálise sem  
mudar paradigmas  
que são constitutivos  
deste saber*

Pretendo, assim, fazer uma pontuação que funcione como guia e oriente nosso trabalho ao tentar circunscrevê-lo.

## Referências bibliográficas

- Ab'Saber T. (2022). *O soldado antropofágico*. São Paulo: n-1.
- Alonso S.L. (2016). Sexualidade: destino ou busca de uma solução? In *Corpos, sexualidades, diversidades*. São Paulo: Escuta. p. 13-31.
- Ferraz F. (2025a). *Desafios epistemológicos para a psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- \_\_\_\_\_. (2025b). O Departamento de Psicanálise e a formação de analistas, *Percurso*, n. 74.
- Freud S. (1900/1988). La interpretación de los sueños. In *Obras completas*, v. 4. Buenos Aires: Amorrortu. p. 17-707.
- \_\_\_\_\_. (1905/1988). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras completas*, v. 7. Buenos Aires: Amorrortu. p. 109-223.
- \_\_\_\_\_. (1912/1988). Sobre la dinámica de la transferencia. In *Obras completas*, v. 12. Buenos Aires: Amorrortu. p. 95-105.
- \_\_\_\_\_. (1912/1988). Trabajos sobre técnica psicoanalítica. In *Obras completas*, v. 12. Buenos Aires: Amorrortu. p. 80-104.
- \_\_\_\_\_. (1914/1988). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In *Obras completas*, v. 14. Buenos Aires: Amorrortu. p. 1-64.
- \_\_\_\_\_. (1923/1988). El yo y el ello. In *Obras completas*, v. 19. Buenos Aires: Amorrortu. p. 3-64.
- \_\_\_\_\_. (1938/1988). Esquema del psicoanálisis. In *Obras completas*, v. 23. Buenos Aires: Amorrortu. p. 173-182.
- Fuks M.P. (2023). *Psicopatologia psicanalítica e subjetividade contemporânea*. São Paulo: Blucher.
- Laplanche J. (1987). *El inconciente y el ello. Problemáticas IV*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche J.; Pontalis J.-B. (2016). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Nogueira I.B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva.
- Roussillon R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In Figueiredo L.C.; Savietto B.B.; Souza O. (orgs.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Sigal A.M. (1997). A organização genital infantil. In Alonso S.L.; Leal A.M. (orgs.). *Freud: um ciclo de leituras*. São Paulo: Escuta.
- Sigal A. (2025a). Abstinência. *Boletim online do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, n. 74, abril.
- \_\_\_\_\_. (2025b). *O originário e o recalçamento primário*. São Paulo: Blucher.
- Silva Jr. N. (2018). O mal-estar no sofrimento e a necessidade de sua revisão na psicanálise. In *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 35-58.

## The non-negotiables

**Abstract** This article reflects on the fundamental metapsychological and clinical principles that constitute the minimal ground for defining the psychoanalytic field. The aim is not to establish a “pure gold” standard, but to critically examine the extent to which certain paradigm shifts may, in fact, constitute another field altogether. The discussion focuses on fundamental concepts such as the unconscious, drive, and infantile sexuality, as well as on the clinical framework established by transference and the principle of abstinence.

**Keywords** unconscious; drive; infantile sexuality transference; abstinence; psychoanalytic method.

**Texto recebido:** 09/2025

**Aprovado:** 10/2025